

AS OCUPAÇÕES CULTURAIS URBANAS COMO EXPERIÊNCIAS POÉTICAS DE RE-EXISTÊNCIAS

Eloiza Gurgel Pires¹
Fabiana Lima Leite Couto²

Resumo

O texto apresenta o relato de experiência do projeto *Arte, Educação e Cultura Visual: interconexões, práticas e reflexões*. Trata-se de um projeto do Departamento de Educação da FFP UERJ vinculado ao Departamento de Extensão da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. O principal objetivo deste projeto é o conhecimento sobre a cidade, e a valorização das ocupações culturais urbanas, tendo como método a organização de encontros, publicações, exposições e debates, que até então se davam em encontros presenciais, promovendo conexões culturais e afetivas, pensando a cidade como espaço vivo. Em tempos de pandemia, este trabalho adaptou-se, utilizando os espaços virtuais das redes sociais propondo, por exemplo, exposições virtuais, ressignificando o sentido de “ocupação cultural”.

Palavras-chave: Artes, Cultura, Pandemia, Re-existências, Conexões.

1. Introdução

Como pensar as ruas, as cidades e a ocupação dos seus espaços em um contexto de reclusão? Vivemos um momento histórico em que o mundo se recolheu face à pandemia de um vírus que rapidamente se alastrou pelo planeta, causando muitas mortes além do forte impacto social na reorganização da vida em todas as esferas do cotidiano: no campo educativo, no trabalho (e na falta de), nos lares, nos modos de se comunicar, e de trocar afetos.

Foram instauradas medidas de contenção em todo o mundo devido à saturação dos sistemas de saúde. Não podemos mais estar junto a pessoas queridas em rituais de luto para reverenciar nossos mortos. As ruas estão esvaziadas, os teatros, os cinemas, as galerias e museus estão fechados. Os encontros, os abraços e os afetos ao vivo e a cores foram interditados. Mas, apesar de impactadas por todos esses acontecimentos, é neste contexto de reclusão que relataremos a experiência do projeto *Arte, Educação e Cultura Visual: interconexões, práticas e reflexões*³ que, dentre outras coisas, se constituiu, sobretudo, como um espaço de reconhecimento das territorialidades urbanas na construção de um conhecimento sobre a cidade. O contexto urbano é pensado como condensação simbólica material, como cenário mutante que se renova constantemente em busca de significado (PIRES, 2014).

¹ Eloiza Gurgel Pires é Doutora em Educação e professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ; São Gonçalo RJ, Brasil. eloizagurgel@uol.com.br

² Fabiana Lima Leite Couto é estudante em pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ; São Gonçalo RJ, Brasil. fabianalimalc@gmail.com

³ O projeto está vinculado ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; é coordenado pela Profa. Dr^a Eloiza Gurgel Pires, e conta com a participação de Fabiana Lima como bolsista de extensão.

Interessa-nos a cidade em sua topologia viva, descentrada, compartilhada. Assim, apontamos para a pertinência das ações e reflexões suscitadas por este projeto para reconhecermos, nos dias atuais, a importância das ocupações culturais sem as quais não teríamos uma cidade compartilhada, não seriam possíveis as redes de solidariedade tão necessárias nos nossos dias.

É preciso reconhecer a importante função que essas redes, as expressões da arte e as manifestações culturais vêm assumindo na vida diária em tempos de pandemia. Apesar da medida incontornável de isolamento social para a contenção do covid19⁴, com a apropriação das tecnologias digitais abriram-se algumas brechas em meio a tantas informações que recebemos a todo momento, como por exemplo as disputadas *lives*, espaços nas redes sociais ocupados não só pelos artistas consagrados, mas por pessoas comuns.

Desse modo, com a intensa apropriação dos espaços remotos de um ecossistema comunicativo expandido a palavra “ocupação” precisa ser redimensionada, até mesmo para tentarmos entender as formas de exclusão que marcam a sociedade contemporânea. No Brasil, a falta de acesso à internet repete as mesmas adversidades e exclusões já verificadas entre os analfabetos, os menos escolarizados, os negros, a população indígena e os desempregados. Nesse sentido, partindo do conceito de “ocupação” como acontecimento, como forma de ativar espaços, ou como queria Certeau (2004), como forma de “praticar” espaços, a arte, a cultura e a educação enfrentam o desafio de uma cidade (real ou remota) que nem sempre é praticada por todos.

O direito à cidade é um direito humano, e nada substitui o acontecimento das ruas, a imaginária urbana e as relações histórico-culturais e estéticas estabelecidas entre essas visualidades, o sujeito urbano e seus rituais. A experiência da cidade, como nos ensina Benjamin (2006), é a experiência social do encontro, do sujeito consigo mesmo, com a sua história, com o seu diferente, com a poética do inusitado; ultrapassa o tempo cronológico, homogêneo, vazio. Por outro lado, o modelo predatório de cidade que temos hoje destrói a sociabilidade das ruas com os abismos das desigualdades sociais, com a especulação imobiliária que ergue e destrói coisas belas; com a intensa circulação de carros, de mercadorias e de corpos apressados. Nesse sentido, fazemos nossas as indagações de Simas (2020): “A pandemia passará e voltaremos às ruas. Mas será que elas continuarão experimentadas apenas como pontos de passagem? Ou será que priorizaremos os encontros, a vida comunitária, os laços de afeto, as pausas para o flozô diante da loucura dos relógios?”

O clima de incertezas quanto ao pós pandemia, e especialmente quanto ao momento político dramático por que passamos no Brasil⁵ exige-nos acionar a marcha ré, não apenas para resistir aos terríveis acontecimentos dos nossos dias, mas para re-existir em um outro tempo. Apresentamos então um breve relato sobre a experiência de ocupações culturais que se basearam nas possibilidades das re-existências da arte, da cultura e da educação.

2. Sobre o projeto

⁴Denominação dada pela Organização Mundial da Saúde para o vírus causador da pandemia global.

⁵O Brasil atravessa um momento de recessão com um crescimento pífio, privatizações, desemprego e retrocessos para os direitos humanos e para as políticas públicas que garantem direitos aos trabalhadores. Neste momento há muita expectativa dos movimentos sociais, dos estudantes e da sociedade civil organizada com relação à situação do país. Cogita-se inclusive o impeachment de Bolsonaro, atual presidente.

Iniciado em 2017, o projeto *Arte, Educação e Cultura Visual: interconexões, práticas e reflexões* é um projeto do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores/UERJ (Campus de São Gonçalo RJ), vinculado ao Departamento de Extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro DEPEXT/UERJ. A partir das intervenções do Coletivo Identidade Visual – Coletivo de arte e cultura iniciado em 2018, formado por alunos e professores da FFP/UERJ e da SME-SG – este projeto possui como propósito a experimentação de linguagens, especialmente da cultura urbana e da arte contemporânea, em um campo de confluência entre as áreas da cultura, da educação e da arte. Ao grupo interessa estreitar vínculos já existentes e criar outros possíveis entre a academia e os agentes que atuam nos campos da cultura, da educação e da arte no Município de São Gonçalo - RJ. Para tanto, propõe-se a ocupação dos espaços culturais da cidade, a organização de encontros, publicações, exposições e debates. O coletivo é constituído, na sua maioria, por estudantes gonçalenses que possuem no seu DNA a história da sua cidade. Esta relação incontornável traz muitas expectativas em torno das possibilidades de atuação do grupo. Vale ressaltar a demanda dos estudantes por políticas públicas que efetivamente contemplem os artistas e a população local no tocante ao atual quadro de oferta cultural do Município de São Gonçalo, com pouquíssimos equipamentos culturais. Assim, as ocupações promovidas pelo coletivo assumem o desafio e a importante tarefa de, não apenas intervir nos espaços da cidade, mas de gerarem um acontecimento social.

Tem sido igualmente desafiador enfrentar a expansão do território das imagens para além das fronteiras tradicionais da arte, valorizando a cultura popular, como propõe o campo de estudos da Cultura Visual, assumindo, inclusive, a delicada tarefa de estabelecer um diálogo com a tessitura imagética dos espaços educativos e com a produção cultural dos seus sujeitos. Assim, em vista do caráter predominantemente visual da cultura contemporânea, e partindo do princípio de que imagens são agentes sociais da educação, pois incidem sobre os processos formativos, este projeto toma como referência teórica as contribuições da Cultura Visual – uma das dimensões dos Estudos Culturais – especialmente no que diz respeito à confluência entre os campos da arte e da educação. Foram estabelecidas parcerias com os arte educadores da Secretaria de Educação Municipal de São Gonçalo e com o IARTE/UERJ (instituto de artes da UERJ), e organizados oficinas e encontros com artistas e representantes da cultura popular brasileira, como os artistas do grupo teatral Mamulengo do Cheiroso, com o Mestre Augusto Barreto.

Nas articulações entre o espaço acadêmico e a rede pública de ensino são valorizadas as visualidades e as imagens da arte e do cotidiano urbano como produtoras e mediadoras de cultura, inclusive nos processos geradores de desigualdades, o que nos dias atuais exige, por parte dos professores, estratégias de enfrentamento às situações opressivas freqüentemente encontradas nas instituições educativas.

3. Cidade Paisagem Nômade

A primeira ocupação do Coletivo Identidade Visual ocorreu em setembro de 2018 no Espaço Cultural da Câmara Municipal de São Gonçalo, por ocasião do aniversário da cidade, com a exposição Cidade Paisagem Nômade. Este evento ocorreu em parceria com arte educadores da Secretaria Municipal de Educação. A obra apresentada foi concebida durante os encontros promovidos pelo nosso coletivo com os professores da SME em que se experimentou a linguagem fotográfica para ver e discutir a cidade a partir do seu cotidiano, suas memórias e histórias.

O grupo apresentou um painel com três módulos constituídos a partir de recortes fotográficos, fragmentos da paisagem urbana de São Gonçalo. O material utilizado (manta magnética adesivada) possibilitou a intervenção do público, que pôde manipular as imagens, reconfigurando as paisagens.

Essa experiência revelou diferentes formas de se relacionar com a cidade. Muitas pessoas participaram deste processo de reconstrução das paisagens da cidade, desde o pipoqueiro da rua aos servidores da Câmara Municipal. O mais importante não foi o evento em si, mas a mobilização de diferentes olhares sobre as dinâmicas de construção dos afetos do dia a dia. O espaço urbano apresentou-se como paisagem desmontada e reconstituída na trama dos cenários e imagens, não havendo uma perspectiva única. A mobilidade dos fragmentos urbanos deflagrou corpos e paisagens que revelaram a itinerância de um olhar afetivo, agente de uma operação fotográfica e poética, revitalizadora de imagens perdidas em meio aos estilhaços do cotidiano. Em São Gonçalo, “a cidade que está em nós”⁶, belezas e paisagens escondidas transpareceram em imagens e vivências antigas que afloraram nas paisagens.

Este trabalho instigou no Coletivo o interesse pela temática urbana, abrindo outras perspectivas para a atuação do grupo.

4. Arte & Cidade

Em 2019 houve um aprofundamento da temática urbana. Realizamos a ocupação Arte & Cidade na Biblioteca Parque de Niterói de 13 a 16 / agosto. Por meio de encontros, diálogos e intervenções artísticas e culturais esta ocupação teve como propósito pensar a relação arte e cidade a partir de uma compreensão mais ampla dos fenômenos culturais, em suas relações, articulações, práticas e manifestações; a multiplicidade das realidades do meio urbano e dos agentes artísticos e culturais que se contaminam e se produzem mutuamente nas ruas, praças, viadutos, calçadas. Participaram deste encontro: Professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ e da SME; a Deputada Talíria Petrone; representantes do funk de São Gonçalo e da Roda Cultural do Alcântara; e estudantes da FFP.

A arte na/da cidade foi pensada como re-existência na afirmação da sua importância como meio transformador dos espaços urbanos, e como território de interações nas formas de produzir conhecimento e relações sociais. Discutimos a importância da arte e de políticas públicas que garantam a pluralidade de manifestações e expressões culturais no espaço urbano a partir das experiências de diferentes agentes dos campos educativo, artístico e cultural. Duas questões acompanharam este debate: De que forma a intervenção artística interfere nos modos de (re)ver a cidade? Como os afetos e os diálogos entre diferentes instâncias culturais são estabelecidos no espaço público? Não tivemos o propósito de responder a essas questões, mas o nosso interesse foi o de abrir espaço para outras reflexões no intuito de tentar compreender, por exemplo, as interdições impostas pelo poder público à realização das intervenções urbanas, o silenciamento dessas expressões no Estado do Rio de Janeiro, a criminalização da juventude negra especialmente pela proibição dos Bailes Funk nas favelas e pela repressão às Rodas Culturais no espaço público.

Aos estudantes foi colocado o desafio de pensar as territorialidades urbanas, numa dimensão na qual já não é mais possível separar arte, espaço urbano e vida. Foi tecida uma trama de conhecimentos a partir de uma abordagem crítica em torno das relações estabelecidas entre a educação, as artes, as culturas e o meio urbano.

⁶ Esta frase está inscrita em uma placa na entrada da cidade.

Em 2020 pensamos na possibilidade de uma segunda edição do Arte & Cidade, mas infelizmente a crise da pandemia que se estendeu por todo o planeta não apenas fragilizou o processo de continuidade dessa iniciativa como preencheu de incertezas o retorno às atividades que dependem da presença dos agentes culturais e educativos para acontecer. Contudo, estamos buscando novas formas de interação utilizando os espaços virtuais das redes sociais. Vamos organizar, durante o período da quarentena, uma exposição virtual com artistas das regiões periféricas do Rio de Janeiro. Interessa-nos buscar, nas frestas da atual situação de confinamento social, poéticas de re-existências. O que também nos exige o esforço de redimensionar o próprio sentido das ocupações culturais.

5. Algumas considerações

Reafirmamos aqui a importância das atividades de Extensão Universitária para a formação do estudante, não só pela ampliação do universo acadêmico, mas também pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam, principalmente no atual momento político brasileiro. Nesse sentido, nosso projeto possibilitou aos estudantes uma discussão pertinente e desafiadora focalizando questões como o empobrecimento da experiência urbana, a privatização dos espaços públicos e a criminalização dos corpos negros, das artes e das culturas na cidade. O interesse despertado por essas questões só corrobora a importância das nossas ocupações culturais para a ampliação da experiência discente, nas articulações entre o universo acadêmico e a sociedade.

Foram reforçados os nossos vínculos com a Secretaria Municipal de Educação e com a Prefeitura da cidade de São Gonçalo, e estabelecidas outras parcerias que se somaram ao projeto, como o IARTE/UERJ; A Biblioteca Parque de Niterói; produtores culturais e artistas gonçalenses. Seguimos apostando na participação dos integrantes do grupo e no seu reconhecimento como sujeitos coletivos, produtores de conhecimentos, de culturas e de vínculos afetivos em nossas ações extensionistas, pautadas, sobretudo, por metodologias participativas, pelo diálogo, e pelo compromisso ético e solidário na realização do nosso projeto. Nas nossas reuniões, eventos e oficinas, a relação entre a educação, as artes e as culturas no meio urbano foi problematizada a partir das experiências dos próprios estudantes.

O nosso eixo principal de interesse é o de estabelecer conexões culturais e afetivas entre a academia e o Município de São Gonçalo, por isso foi preciso pensar a cidade como um espaço vivo, recriado não só pelas interferências do poder institucional, mas também pelas relações afetivas e pelas ações populares que tecem a sua história. Sem perder de vista a perspectiva dos estudantes não como espectadores passivos ou receptores de imagens, mas como sujeitos criativos, como produtores de cultura.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

PIRES, Eloiza Gurgel. *O aprendizado da cidade: limiares e poéticas do urbano*. São Paulo: Annablume, 2014.

SIMAS. Luiz Antônio. *Debaixo da palha, o sol*. Jornal O Globo, 13 de abril de 2020.